Reconhecimento e Gratidão

Mauro Benevides

Senhor Presidente e demais membros do Instituto do Ceará:

Em dezembro do ano passado, num final de tarde, no meu Gabinete de trabalho em São Paulo — terra que por dois anos me acolheu, generosamente, após a refrega eleitoral de 82 — recebia eu a notícia de que o Instituto do Ceará me elegera para ser um de seus integrantes, permitindo-me ter, assim, como pares figuras exponenciais da intelectualidade cearense.

Concorrera, por iniciativa de eminentes membros do egrégio sodalício, à vaga decorrente do falecimento do Cônego Misael Gomes, que de perto conheci, desde quando exerci despretensiosa liderança junto à mocidade católica do nosso Estado.

Eu, que me vira, no curso de mais de duas décadas de atividade política, guindado a cargos eletivos de Vereador, Deputado e Senado Federal, ao ensejo das duas Legislaturas em que ali representei çando-me à Chefia do Poder Legislativo, e interinamente, à do Executivo Estadual, senti-me naturalmente orgulhoso diante do novo múnus que recebera de um eleitoral de escol, responsável por uma *obra cultural imperecível,* na sucessividade das gerações, consagrando valores que os contemporâneos e os porvindouros se encarregarão de preservar, como repositório das nossas mais caras e puras tradições.

Nunca fui indiferente — como cidadão comum ou homem público — às realizações da Casa do Barão de Studart, acompanhan-

do-lhe as atividades sempre profícuas, direcionadas para as pesquisas históricas, antropológicas e filosóficas.

Nos seus registros encontrar-se-ão, sem busca demorada, provas de que me esforcei para manter-me vinculado ao Instituto, colaborando por que as tarefas de difusão de suas iniciativas assumissem uma dimensão à altura da patriótica missão que lhe foi cometida no contexto da vida sócio-cultural do País.

Todos os eventos que mereceram realce especial por parte da nossa respeitável Entidade tiveram, de minha parte, a preocupação de fazê-los atingir maior ressonância, veiculando-os na tribuna da Assembléia — por mim ocupada ao longo de 16 anos — e no Senado Federal, a ensejo das duas Legislaturas em que ali representei o Estado do Ceará.

Recordo, por exemplo, o sesquicentenário da nossa Fortaleza — alvo de comemorações excepcionais, ensejando a que o registrássemos em discurso retrospectivo de sua evolução sócio-urbanística, numa solenidade inesquecível, a que compareceram as autoridades e o mundo intelectual da cidade.

No parlamento brasileiro ocupei-me de personalidades marcantes como Fernandes Távora, Senador Pompeu, Delmiro Gouveia e José de Alencar, através de pronunciamentos em sessões solenes, dando lugar a que todos eles fossem reproduzidos na Revista do Instituto, numa homenagem menos a mim, modesto Senador, e muito mais aos notáveis vultos focalizados, que tiveram, pela minha palavra, o testemunho da admiração e do respeito da opinião pública nacional.

Divulgando-os em sua publicação oficial, o Instituto — sem o querer — abria-me perspectivas para uma futura indicação, concretizada de forma sensibilizadora, por que com o apoio da grande maioria dos que o integram, expressado de maneira espontânea e, por isso, profundamente gratificante.

Aos amigos mais íntimos nunca escondi o sonho que acalentei durante muito tempo de algum dia vir a pertencer à nossa Instituição, a que preside, hoje, a extraordinária figura de Antônio Martins Filho, meu mestre na Faculdade de Direito, de quem recebi, ainda como seu aluno, o honroso convite para tornar-me partícipe de movimentado escritório de advocacia que ele comandou com brilho e competência profissionais, transmitindo-me experiência va-

liosíssima, calcada em *diretrizes éticas* que sempre caracterizaram o seu fecundo desempenho na carreira, transplantadas, logo depois, para esta Universidade, cuja criação se deveu ao seu descortino e dinamismo inexcedíveis.

A Mozart Soriano Aderaldo, igualmente, nunca neguei a velha aspiração, fazendo-o, porém, com a elegância de quem sabe aguardar a oportunidade de um julgamento a cargo de colegiado consciente, infenso a qualquer tipo de insinuação que pudesse descolorir o esplendor de uma eleição dessa magnitude.

Mais recuadamente, junto a ele procurava dissipar dúvidas na interpretação de conceitos emitidos por Jacques Maritain, na sua Filosofia Moral, já que Mozart, pela cultura e formação religiosa sólidas, transformara-se em líder de uma geração que despontara na procura de caminhos compatíveis com a ânsia renovadora que dominou importantes segmentos do pensamento católico em todo o mundo.

No plenário do antigo Instituto Epitácio Pessoa, no qual pontificaram luminares como Andrade Furtado, Luís Sucupira, Amorim Sobreira, Parsifal Barroso, Itamar Espíndola e Luiz Teixeira Barros, — Mozart Soriano Aderaldo fazia convergir para si mesmo às atenções de um grupo de jovens líderes, sequiosos de aprimorar conhecimentos sobre a doutrina social da Igreja, que ele tão bem conhecia, repassando-a, didaticamente, com a sua autoridade cada vez mais reconhecida e proclamada.

Passaram-se alguns anos e noutro recinto — o deste Auditório imponente — é o mesmo Mozart Soriano Aderaldo, que tantas vezes ouvi atento e embevecido, que se incumbe de me saudar, enchendo-me de profunda emoção ao receber-me como novo membro do glorioso Instituto do Ceará.

Confiei na recuperação de sua saúde, após enfermidade que o obrigou a afastar-se das atividades na Academia Cearense de Letras, no Conselho de Cultura, na Universidade e na Sociedade de Geografia e História, para que fôssemos privilegiados com sua palavra, nesta saudação comovedora, que amplia as minhas responsabilidades diante dos meus conterrâneos e me deixa penhorado pelos altos conceitos emitidos em estilo ático e preciso.

Daí justificar-se o lapso de tempo que medeou eleição e posse — esta, hoje, efetivada com o comparecimento de autoridades e amigos diletos, em confraternização que toca a minha alma, despertando-a para nova empreitada, que tudo farei para dignificar.

Se, antes, como parlamentar, representei homens dos sertões e da Capital, no cumprimento de sucessivos mandatos, torno-me, a partir de agora, intérprete também do que o Ceará possui de mais expressivo no âmbito das ciências, das letras e das artes.

A minha vivência no campo político-administrativo, apoiando governos ou os combatendo com coragem e altivez, oferece um lastro de autoridade moral para identificar-me com causas que encarnam os anseios maiores de nossa gente.

No auge do autoritarismo em que mergulhou o Brasil, suportei o distanciamento dos postos de mando, assumindo uma atitude de coerência que me levou a presidir a Oposição durante 15 anos, numa longevidade de chefia que só tem similar com aquela outra, bem mais árdua e preeminente, conferida ao grande patriota Ulisses Guimarães.

Sem cortejar governantes, a eles fazia chegar os reclamos populares, instando-os a reimplantar a normalidade institucional, cuja ruptura ocasionou tantas injustiças, num processo de arbítrio que chegou ao fim, este ano, com o advento da Nova República, modelarmente concebida pela genialidade de Tancredo Neves e posta em prática pelo obstinado desejo de acertar do Presidente José Sarney.

Arriscamo-nos a defender teses no campo social, como a da *unificação do salário mínimo,* assegurando aos trabalhadores do Nordeste a percepção de remuneração que lhes permitisse conviver com uma inflação astronômica, situada em percentuais elevadíssimos e gerando, em conseqüência, um quadro de miséria, de pauperismo, de marginalização, que ainda lamentavelmente perdura entre nós.

Posicionamo-nos, pertinazmente, na reconquista de prerrogativas do Legislativo, conferindo-lhe atribuições de fiscalização e controle dos atos do Executivo, a fim de que senadores e deputados, a nível federal, pudessem melhor resguardar o interesse público.

Não tergiversamos em reivindicar para o Nordeste o direito de representar-se no Conselho Monetário Nacional, através do presiden-

te do BNB, sem jamais vislumbrar que, quatro anos depois, seríamos o ocupante daquela cadeira, discutindo com Ministros e líderes empresariais questões ligadas à nossa realidade econômico-financeira.

Outras proposições — como a da autonomia política das Capitais, a ser concretizada no dia 15 de novembro — assinalaram a nossa ininterrupta faina em favor dos ideais democráticos, aproximando-nos de todas as correntes de pensamentos do Estado e do País.

Se assim não houvesse feito, teria desmerecido a consideração dos meus coestaduanos, a começar pelos membros do próprio Instituto do Ceará, cuja visão ampliada dos problemas brasileiros lhes permite formular juízo abalizado dos nossos representantes populares.

Sem mandato eletivo, compus a equipe do eminente Governador Franco Montoro, até o dia em que, por escolha pessoal do inolvidável Tancredo, chancelada por Sarney, antigo companheiro do Congresso, fui nomeado para presidir o Banco do Nordeste, num momento delicado do nosso *facies* financeiro, quando o empenho contencionista de expansão da base monetária nos obriga a um contingenciamento rígido, embora sob a promessa de que grandes projetos, em via de serem implantados, impulsionarão significativamente o desenvolvimento regional.

Se o BNB sempre se dispôs a favorecer justas iniciativas no campo cultural, o novo presidente terá sobradas razões de melhor engajá-lo nessa tarefa meritória, colaborando para que o Instituto receba um amparo ainda mais ponderável, capaz de ajudá-lo a dar curso aos seus programas de larga envergadura.

Com essa intenção — agora formalmente reiterada — assumo a vaga para a qual fui eleito, prometendo a Antônio Martins Filho cooperação permanente para a consecução de seu arrojado plano de trabalho à frente do Instituto do Ceará.

Digníssimas Autoridades:

Minhas Senhoras e Senhores:

Sumamente honrado irei preencher a vaga ocorrida com a morte do saudoso Cônego Misael Gomes, que teve uma vida inteira dedicada à fé, à educação, à cultura clássica e à História, integrando os quadros desta Casa e os da Academia Cearense de Letras.

Conheci-lhe de perto as virtudes de coração e de espírito, que me pareceram modelares, sempre. Foi um servo de Deus, a serviço da fraternidade humana e da cultura. Detentor de sólida formação teológica, filosófica e humanística, ordenou-se em Roma no início deste século, após haver feito os estudos fundamentais no antigo Seminário de Fortaleza, de que todos guardamos recoordação e saudade. Em Roma, freqüentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, onde recebeu o grau de filosofia e de teologia. Ainda na capital italiana e na Santa Sé, desenvolveu atividades literárias, sendo galardeado com o prêmio de distinção da Academia de Literatura Portuguesa Inácio de Azevedo.

Após receber ordens eclesiásticas, percorreu alguns países do Velho Mundo, retornando em seguida ao Brasil, para, no Rio de Janeiro, ocupar, interinamente, a coadjutoria da Paróquia de São Joaquim. O apego à terra natal, porém, sempre oprimente, fê-lo voltar ao Ceará e aqui se fixou definitivamente, sendo nomeado Capelão da Santa Casa de Misericórdia.

Exerceu, em caráter temporário, as funções de Pró-Vigário Geral do Bispado de Fortaleza e sempre desfrutou de grande prestígio no seio do clero e do laicato, mercê da sua cultura polimorfa e excepcionais qualidades humanas.

A ele e a outros conterrâneos ilustres devemos a fundação do Colégio Cearense, que seria depois transferido à Congregação dos Irmãos Maristas e tem sido extremamente útil ao nosso povo, na formação de jovens que ocuparam ou ocupam postos do maior relevo na vida do Estado.

Homem de ampla cultura, conquistou, por concurso, a cátedra de História do Brasil do Colégio Militar de Fortaleza, no qual se aposentou no posto de coronel, no ano de 1955. Mas, foi, igualmente, professor do Liceu do Ceará, tendo concorrido para a criação da Associação Cultural Franco-Brasileira, ainda hoje em pleno funcionamento.

Sacerdote esclarecido e culto, foi Juiz e Auditor do Tribunal Arquiepiscopal de Fortaleza, deixando, ali, a marca de seu talento e de sua qualificação intelectual.

Extremamente cariodoso, fundou em sua terra, a progressista cidade de Milagres, no Ceará, o Patronato Dona Zefinha Gomes,

confiando-o à operosa Irmandade das Filhas de Santana, que ali mantém cursos de 1.º e 2.º graus, dedicando-se, igualmente, ao ensino rural, com larga folha de serviços prestados à zona sul do nosso Estado.

Tendo nascido a 21 de setembro de 1885, viveu quase cem anos, pois faleceu em Fortaleza em 1984, após uma vida dedicada a Deus, à cultura, à educação e aos superiores interesse do povo cearense. Foi um dos nomes de destaque desta Casa e é grande, por isso mesmo, minha responsabilidade, em substituí-lo, o que para mim constitui elevado prêmio, de que não me sinto, porém, totalmente merecedor.

O Cônego Misael Gomes pertenceu, também à Academia de Letras do Ceará, a mais antiga do Brasil, que precedeu, em fundação, à própria Academia Brasileira de Letras. Ali, ocupou a Cadeira número 13, de que é Patrono D. Jerônimo Tomé da Silva.

Entre os trabalhos publicados por meu eminente antecessor destacam-se, por seu brilho e profundidade de conceitos e idéias, os seguintes: *Discurso de Paraninfo, As mais fortes características do povo romano, Primeiras Lições, O problema social, O Pontificado Romano, A Ciência da História* e *A influência do mundo oriental na civilização do Ocidente.*

Prosador elegante, estilista primoroso e escritor de idéias próprias, foi também analista sutil da problemática social, orador brilhante e estudioso perene da História, em todos os momentos de sua vida, pelo que haverá de ser sempre lembrado, nesta Casa e fora dela.

Em quase todas as páginas que escreveu destacam-se, como constantes de sua obra, grande base filosófica e literária e acendrado amor à verdade, servido por sua formação eclesiástica numa das mais doutas universidades pontifícias do mundo. O seu discurso filosófico e histórico e as suas incursões através da literatura revelam, assim, um pensador arguto e sensível, com visão abrangente e sábia, o que lhe daria um espírito crítico servido pela justiça, que procurou exercitar em todos os pronunciamentos verbais e escritos.

Os que dele se aproximaram puderam sentir, em todos os momentos, um homem de fina educação e tolerância, sem jamais se desviar, contudo, para atitudes contrárias à sua fé e ao seu posicio-

namento filosófico, diante dos grandes dramas existenciais do mundo, que motivam às vezes o aparecimento, em todas as doutrinas, de equívoco ou exageros dificilmente reparáveis.

Misael Gomes conhecia profundamente a Doutrina Social da Igreja e manteve posição de silencioso respeito diante das inovações programáticas decorrentes do lançamento de nova metodologia de comportamento, sobretudo nos países do Terceiro Mundo.

Sua palavra foi sempre harmoniosa e justa, não confundindo a nuvem com Juno. Na hora de criticar, principalmente no campo da História, da Filosofia e da Literatura, procedia com superioridade de visão, pois sabia que do conflito das idéias pouca cousa resta, diante do tempo e da eternidade.

Homenagear a sua memória é, portanto, indeclinável dever, de que me desincumbo na certeza de prestar honra ao mérito, fazendo côro, aliás, ao pensamento de todos os membros desta Casa.

Sr. Presidente:

Srs. Membros do Instituto do Ceará:

Chego a esta Instituição, que abriga guardiães autênticos da História, da Antropologia, da Geografia, da Sociologia e da Filosofia do Ceará, imbuído de propósitos os mais nobres e decididos de honrá-la, identificando-me com a sua relevante missão em nosso processo de desenvolvimento.

A importância do trabalho aqui empreendido é inquestionável, em benefício da memória cearense, num momento em que muitos perdem contacto com suas fontes e origens, o que iria dificultar a própria visualização da alma de uma terra como a nossa de tradições libertárias inapagáveis e tantos exemplos legados ao Brasil.

A História não é apenas um receptáculo de documentos, mas uma visão dinâmica da realidade ecumênica, ao longo do tempo. Guardando, como o faz, os fatos e as datas, é também uma forma de conhecimento e uma visão atualizada do mundo, do ser humano, do espírito das épocas e de suas irradiações no tempo e no espaço.

O que seríamos nós sem ela, sem as suas admiráveis lições, as suas luzes, as suas diretrizes fundamentais que nascem da compreensão dos problemas e das ações levadas a cabo pelo homem — seu agente e testemunha?

Ao Instituto do Ceará e às entidades congêneres cabe a tarefa de preservação da cultura e do patrimônio cívico e artístico do nosso Estado, em benefício do País.

Venho ajudá-lo, mesmo modestamente, neste encargo de extraordinária amplitude, tentando corresponder à confiança de que fui depositário e empenhando-me em favor da História do Ceará e do desenvolvimento intelectual de nosso povo.

Em termos nacionais, na estrutura da Nova República, já se nota, clara e meridianamente, a intenção de o Governo apoiar as atividades culturais e científicas, o que sem dúvida, tomará maior expressão através da Assembléia Nacional Constituinte, em que opinarão os homens de pensamento, as Universidades e os órgãos que se ocupam das Letras, das ciências e das artes.

Aí estão, funcionando plenamente, os Ministérios da Cultura e da Ciência e Tecnologia, numa cabal demonstração dos superiores propósitos que norteiam a atual administração federal.

Com ela somaremos esforços, sob o comando experiente e aprumado de Martins Filho, para projetar o Instituto, garantindo-lhe o apoio de que necessita para ainda melhor atender às suas elevadas finalidades.

Ao renovar o meu reconhecimento a Mozart Soriano Aderaldo, por sua brilhante saudação, agradeço a todos aqueles que me escolheram para posto tão insigne e registro, em meu coração, a presença de tantos amigos prestimosos e sinceros, a todos assegurando que aqui estarei, indormidamente, a pugnar, como sempre o fiz em outras áreas, por minha terra e sua nobre gente.

E mais não peço a Deus, que já seria muito. Sendo o que sou, espero apenas vir a ser o que os meus pares pensam de mim, já que fui chamado para situar-me, entre tão conspícuos companheiros, na luminosa jornada em que eles já se acham, legitimamente, empenhados.

Bênçãos lhes sejam dadas, pois, ao lado de minha comovida gratidão.